

Ampliação da ótica na prevenção, promoção e tratamento das Hepatites Virais

Em Julho foi adotado pelo Ministério da Saúde como o mês de luta e prevenção das hepatites virais, sendo a lei 13.802/19 uma norma que institui o Julho Amarelo, para determinar que julho é o mês de combate às hepatites virais. Durante o sétimo mês do ano, serão realizadas, em todo o território nacional, ações relacionadas à luta contra essas doenças. Onde se estabeleceu a cor amarela simbolizando a cor que geralmente o infectado fica quando a doença se manifesta. Isso não significa que a prevenção à doença deva ser menor nos demais meses do ano, muito pelo contrário, a cada dia deve-se aumentar a atenção porque as hepatites virais são as principais causas de câncer no fígado. Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS), lançou em 2016 um documento intitulado como “Global Health Sector Strategy on Viral Hepatitis” visando estabelecer estratégias globais apropriadas para atingir metas de abolição das hepatites virais como um problema de saúde pública até 2030. A hepatite pode ser classificada em aguda e crônica tendo como causas as infecções por vírus, abuso de álcool e de alguns medicamentos, drogas, doenças hereditárias e autoimunes. Portanto, compreende-se por hepatite crônica a inflamação do fígado por um período superior a seis meses. Em casos de hepatite viral geralmente pode ocorrer um tempo inicial sem sintomas, que é tido como período de incubação, momento em que o vírus está se multiplicando no organismo. Este tempo varia e logo após começa a surgir os sintomas. Os sintomas iniciais são semelhantes ao da gripe, como febre, náuseas, vômitos, mal-estar, dores no corpo, falta de apetite e desânimo. Outra característica clínica também é a icterícia (amarelão, “tírica”) é o sintoma mais típico da hepatite, caracteriza-se por coloração amarelada da pele, dos olhos e das mucosas, entretanto

não são todos os pacientes que apresentam esse sintoma. Em casos mais graves, o paciente pode apresentar confusão mental e outros sintomas, o que caracteriza a hepatite fulminante. O diagnóstico geralmente é confirmado por exames laboratoriais, pois através deles é possível investigar se há lesão do fígado, o tipo do vírus que causa a inflamação e se existe doença autoimune. A biópsia hepática também pode ser solicitada pelo médico e consiste na retirada de um pedaço do fígado através de uma agulha introduzida na pele. A falta do conhecimento da existência da doença é o grande desafio, por isso a recomendação é que todas as pessoas têm direito e acesso a buscar uma unidade de saúde para realizar exames gratuitamente e, no caso positivo, façam o tratamento que está disponível na rede pública de saúde. Os tipos mais comuns as quais lidamos na assistência ao paciente são as hepatites virais (A,B,C,D e E) além desses tipos são registrados ainda dois outros: o F que apesar de estudos recentes não terem configurado sua existência, sendo portanto descartado, mas não eliminado da literatura médica, e o tipo G. A hepatite C é a de maior incidência. De acordo com o Ministério da Saúde, três milhões de brasileiros estão infectados, mas não sabem que têm o vírus. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que cerca de 3% da população mundial, seja portadora de hepatite C crônica. É considerada a maior epidemia da humanidade hoje, cinco vezes superior à AIDS/HIV. A hepatite C é a principal causa de transplantes de fígado. Quanto à prevenção o Ministério da Saúde alerta para que se torne um hábito, principalmente para evitar que a doença evolua para uma situação mais grave pela falta de diagnóstico ou diagnóstico tardio, quando a doença já está em estado avançado. Sendo as melhores formas de prevenção o investimento no saneamento

básico dentro dos municípios, orientação de higiene pessoal, vacinas e uso de preservativos. Tendo como passar a conscientização que está é uma patologia altamente prevenível e quando ocorre chamamos como um efeito sentinela, ou seja, teria como não acontecer. No entanto, muitos desafios ainda são enfrentados para um efetivo controle das hepatites, as doenças transmissíveis continuam sendo um desafio cujo comportamento epidemiológico tem sofrido mudanças significativas nos últimos anos. 🐦



Karen Fernanda Silva Bortoleto Garcia
Enfermeira Especialista em Gerenciamento de Unidade de Saúde da Família (FAMERP). Especialista em Programa Saúde da Família (UNIFESP). Especialista em Enfermagem do trabalho (FAMERP). Mestre em Bioengenharia (Universidade Brasil) - São Paulo. Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Votuporanga (UNIFEV) – Votuporanga-SP. Diretor de Divisão dos Programas de Saúde do Município de Votuporanga.